

# PORQUE ESCREVI "SOBRE O ZEBÚ"

PROF. OCTAVIO DOMINGUES  
(Da Escola Nacional de Agronomia)

Dizer qualquer palavra a respeito do zebú é sempre arriscar-se a gente a ser mal interpretado. Mas, silenciar também em face de sua realidade gritante seria uma attitude insustentavel para o zootechnista e professor, que tem de opinar, pelo menos na sua aula, a serviço de sua propria missão. Ninguém pode estranhar, pois, que um professor de zotechnia tenha uma opinião a formular, sobre um dos principaes problemas da pecuaria brasileira que como todos os problemas nacionaes, não pode constituir privilegio. Ao contrario, é uma questão aberta a todos os zootechnistas, que se interessam pela sua especialidade, que perderam, graças a Deus, aquella curiosidade criadora, sem a qual não ha investigação, não ha estudo.

Não pequei, portanto, como professor de zotechnia. E foi nesta qualidade que escrevi "A naturalização do zebú, no Brasil", conferencia lida em Bello-Horizonte, em 1938, a convite da Sociedade Mineira de Agricultura. A inspiração do thema me veio da viagem que acabara de realizar pelo Triangulo Mineiro, tendo meses antes atravessado todo o Nordeste, de Pernambuco ao Piauhy, e visto com meus olhos (não por informação) o pouco exito do azebuamento irreflectido dos rebanhos, naquella região pastoril, e que resultou do methodo de reproducção condenado por todos, e em toda a parte: o cruzamento desordenado, que não substitue a raça local pela

raça cruzante, nem dá origem a outra raça de melhores qualidades.

Foi como zootecnista e professor que opinei ainda sobre a qualificação do Indu-Brasil, como "typo" ou como "raça", pondo-me no terreno doutrinário, deixando aos pragmaticos tirar as devidas ou possíveis conclusões, e applicá-las. Não exorbitei, portanto, ainda desta vez.

Por outro lado a aclimação, como problema biologico, tem sido uma das minhas preocupações, chegando mesmo a formular por isso uma systematização della, fundado nas melhores theorias biologicas. Ora, o zebú pode ser um meio de processar a aclimação de certas raças bovinas entre nós, dahi o ter escrito "A aclimação directa e através do cruzamento e da hybridação". E fazendo tal, não sahi do terreno de minhas cogitações de zootecnista e de professor.

Por fim foi ainda como professor de zootecnia que escrevi um artigo no qual procurei esquematizar um plano de "Formação do Indu-Brasil" mostrando que o caminho a seguir, na fixação dessa nova forma biologica, sahida de um cruzamento, será talvez, certamente, a consanguinidade, seguida da cruza de linhagens, constituidas por essa endogamia. Não se encontra tambem ahi nenhuma intromissão em terreno fora dos dominios da especialidade, a que me dedico ha mais de vinte annos.

Ora, reunindo esses trabalhos foi que surgiu então o meu "SOBRE O ZEBÚ", recém-sahido do prelo. E com este livro não viso mais do que agitar o problema, e não propriamente a pretensão de solucioná-lo ou dizer a ultima palavra. Certa ou errada é uma opinião, mas de quem tem o direito de opinar no debate. Aliás com inteira isenção de animo, mesmo sendo impossivel, como o é, tomar-se a serio aquella curiosa classificação da nossa pecuaria que Pereira Barreto fez, de uma feita, numa hora de mau humor. Para o inesquecivel mestre havia, no Brasil, tres typos de pecuaria : uma honesta, outra manhosa, e a terceira avelhacada. Mas isso evidentemente foi um desabafo de polemista ardoroso demais, e por isso não nos deve deter na vontade e no esforço de trabalhar por mais uma pecuaria maior e melhor, seja fazendo seleção, cruzando raças ou criando o indiano.

# Os feijões cultivados no seculo 17 em Pernambuco, segundo Pies e Markgraf

Trad. de  
D. BENTO PICKEL

Em Pernambuco e em todo o Nordeste ocupado pelos Holandêses eram cultivados o feijão guandú, a fava Belem, a fava de cavalo e o feijão comum, com suas numerosas variedades,

O *feijão comum* com suas variedades nem sequer é citado por Markgraf, porem, Pies dedica-lhes os trechos seguintes na sua Obra, intitulada: "De Indiae utriusque re naturali et medica", publicada em 1658, no livro 4, Cap. 62, pag. 251 e 252. Sobre os feijões em geral Pies tem o seguinte: "Seria trabalho exhaustivo e, mesmo, o papel me faltaria antes de exgotar a materia, se quizesse descrever essa vegetação luxuriante de favas e legumes. Por isso, citarei neste capitulo somente as mais conhecidas dos Indigenas e as mais alimentosas". Em seguida, descreve o Cumanda-guaçú, o Cumanda-guirá, o Cumandatiá e o Guandú. Refere-se aos nossos feijões em dois trechos, como segue: "Aqueles que tomam simplesmente o nome de *Cumandá* são muito semelhantes ás favas turcas, no sabor e no tamanho, entretanto não diferem na forma e sim apenas na côr, pois, uns são inteiramente brancos, outros branco-amarelados, outros vermelho-escuros e reniformes; sendo a testa de todos eles muito brilhante e pintada de maculas elegantes".